

# CORREIO BRAZILIENSE

DF-Brasília

Todo  
caderno

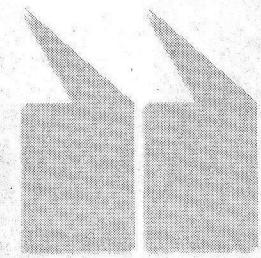
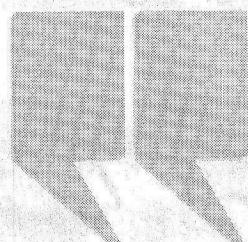
Brasília, sexta-feira,

21 de abril de 2000

# O fundador

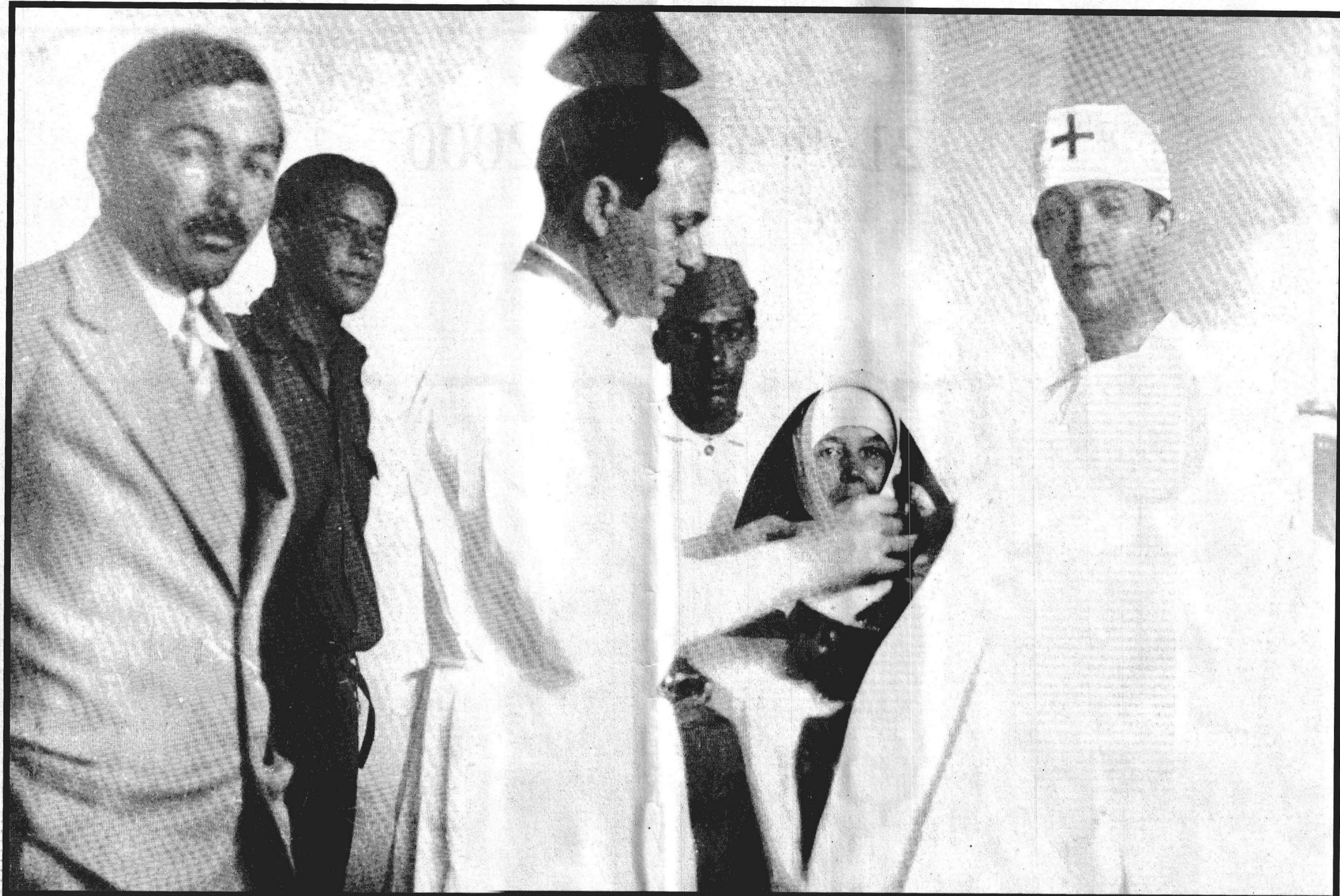


Deste Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das mais altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada, com uma fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino



JUSCELINO KUBITSCHEK DE OLIVEIRA

# O fundador



Em 1932, médico da Força Pública



Belo Horizonte, em 1953, com o uniforme da Força Pública

**“Tudo o que sou, como cidadão, como brasileiro, como homem público, à minha mãe o devo”**



Com a mãe,  
D. Júlia, em 1967

## O HOMEM QUE COLECCIONA JUSCELINO

Rafael Barbosa  
Especial para o Correio

Foi na cidade mineira de Conceição do Mato Dentro, que o menino de 6 anos, José Góes conheceu o então prefeito de Belo Horizonte, Juscelino Kubitschek. Isso em 1943. O hoje fotógrafo José Góes, 62 anos, lembra bem daquele dia. Passou a admirá-lo logo da primeira vez que o viu. “Ele era o prefeito de Belo Hor-

onte, mas tratou a mim e a meus amigos com uma cordialidade que nos assombrou. Pegamos na mão dele e conversamos, desde então passei a respeitá-lo muito”, conta José Góes.

Em 45 anos dedicados à fotografia, José Góes montou um acervo com cerca de cinco mil fotos daquele que costuma chamar de “o maior dos brasileiros”. O fotógrafo não sabe explicar precisamente como aconteceu. Só sabe que a admiração sempre crescente por JK o impulsionou a acompanhá-lo por toda parte. “Fotografei JK em todo tipo de situação, das mais oficiais às mais inusitadas”. O acervo de José Góes é maior do país sobre Juscelino. Possui fotos que acompanham toda a trajetória do ex-presidente. De Diamantina a Brasília. “Acompanhei ele até o dia do sepultamento, registrei tudo”.

O fotógrafo mineiro, que nasceu em São João Evangelista, a 300 Km de Belo Horizonte, se or-

gulha não só das fotos, mas do relacionamento que mantinha com Juscelino. “Até serestas cantamos juntos, tenho tudo fotografado, claro”.

José Góes conta ainda que nem todo o material de seu acervo foi fotografado por ele. Teve de se servir de outras fontes. Comprou de jornais e até de outros colegas de profissão o que achou que, de um certo modo, desfalcava sua coleção. Góes buscou em outros arquivos fotografias que achou necessário ter para completar seu vasto acervo, entre eles o do *Correio de Minas* e o do fotógrafo italiano Igino Bofoli, que chegou ao Brasil em 1908 e fotografou JK inúmeras vezes.

Além das fotos, José Góes conta que também possui cerca de cinco mil publicações referentes a Juscelino e à política brasileira. “Eu ainda não me acomodei. Onde eu souber que tem algo sobre Juscelino, vou atrás, não importa se é em Diamantina, em Brasília, ou no Rio de Janeiro”.

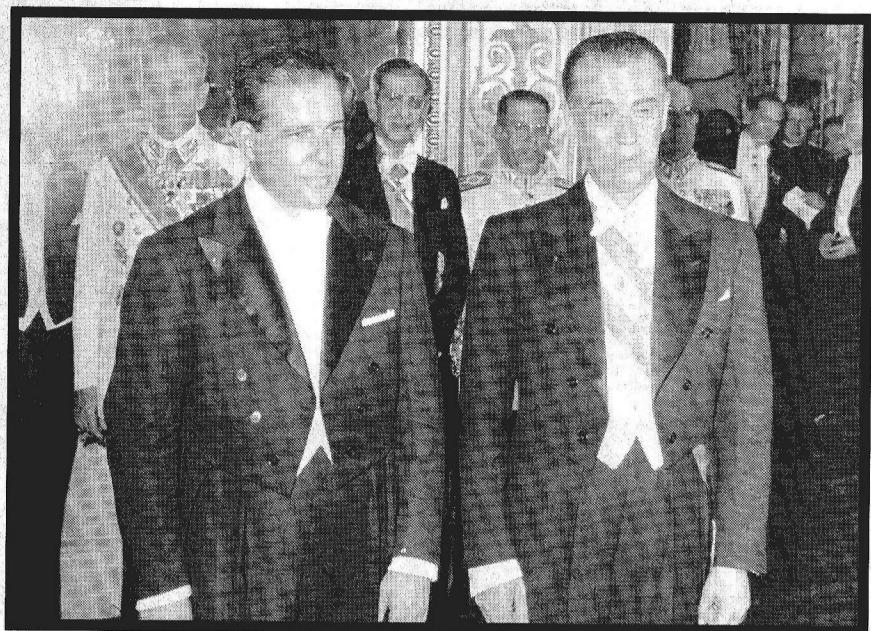
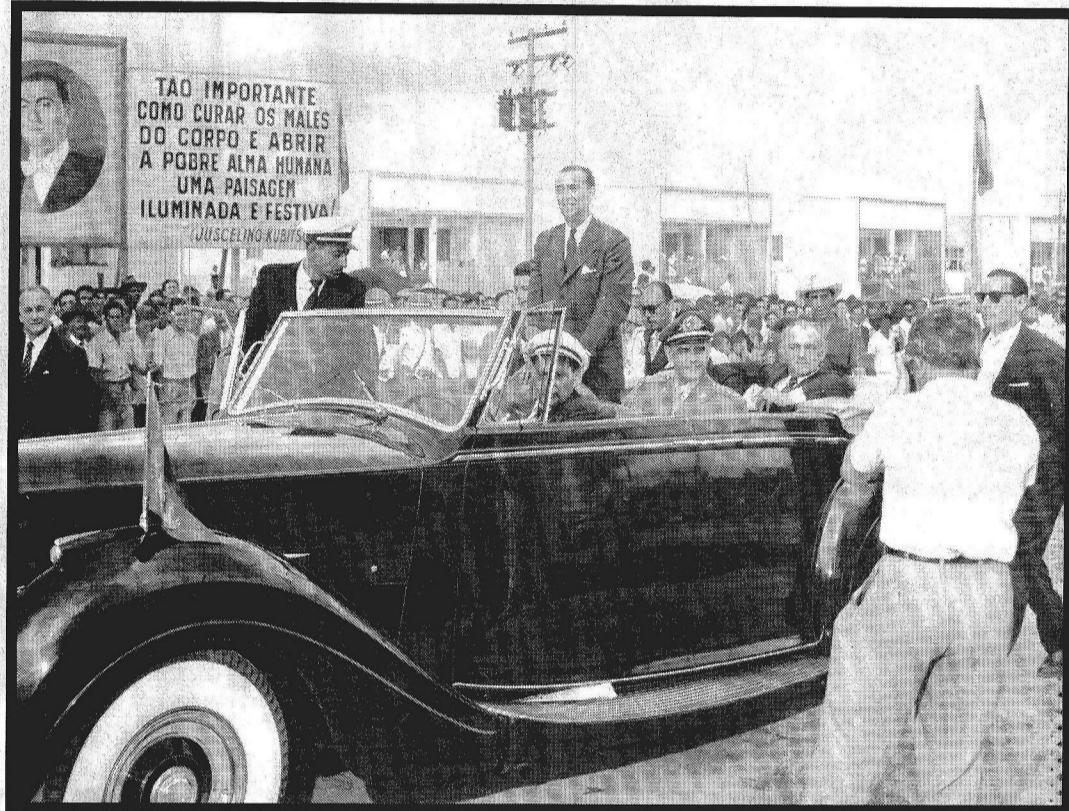


José Góes ao lado de JK em 1959

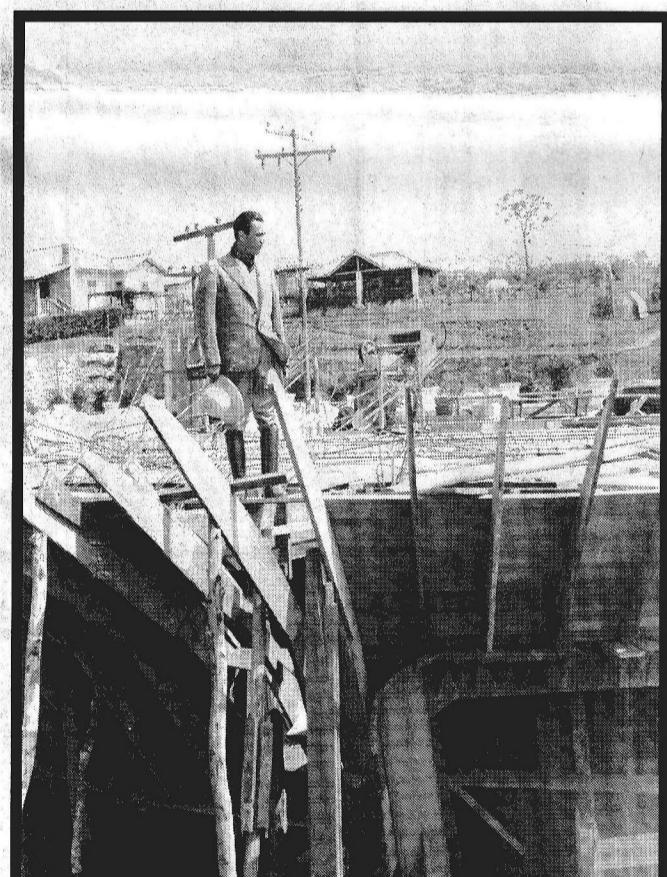
# O fundador



A hora do voto

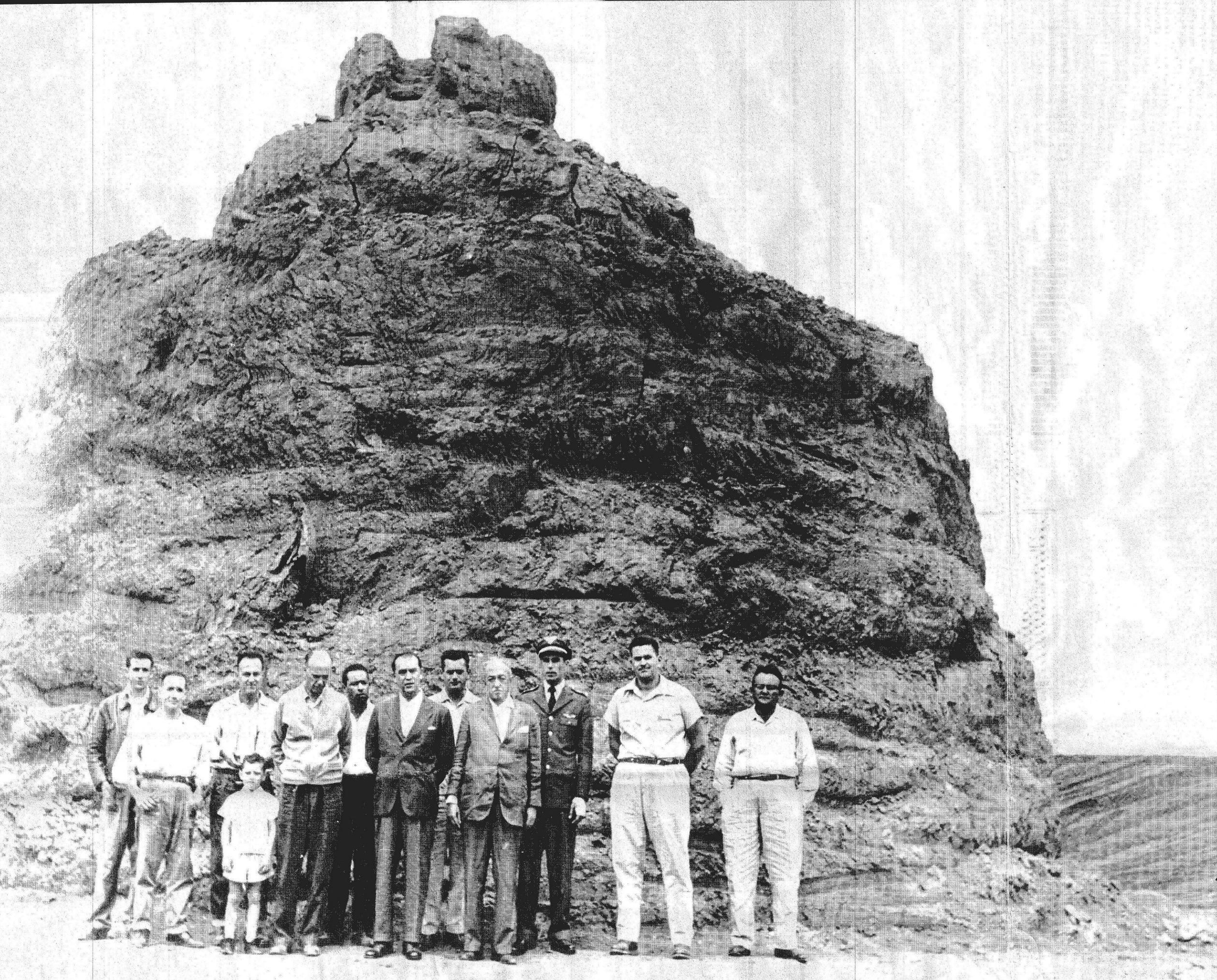
Posse na  
presidência da  
República, com  
João Goulart

Com Bias Forte, em 1960, na inauguração da BR-3

Prefeito de Belo Horizonte,  
construindo a Pampulha, em 1943O empreendedor,  
abrindo a  
estrada de  
Ouro Preto

“Não se conquista uma terra se não se tem acesso a ela. E a estrada é um elemento civilizador por excelência”

# O fundador



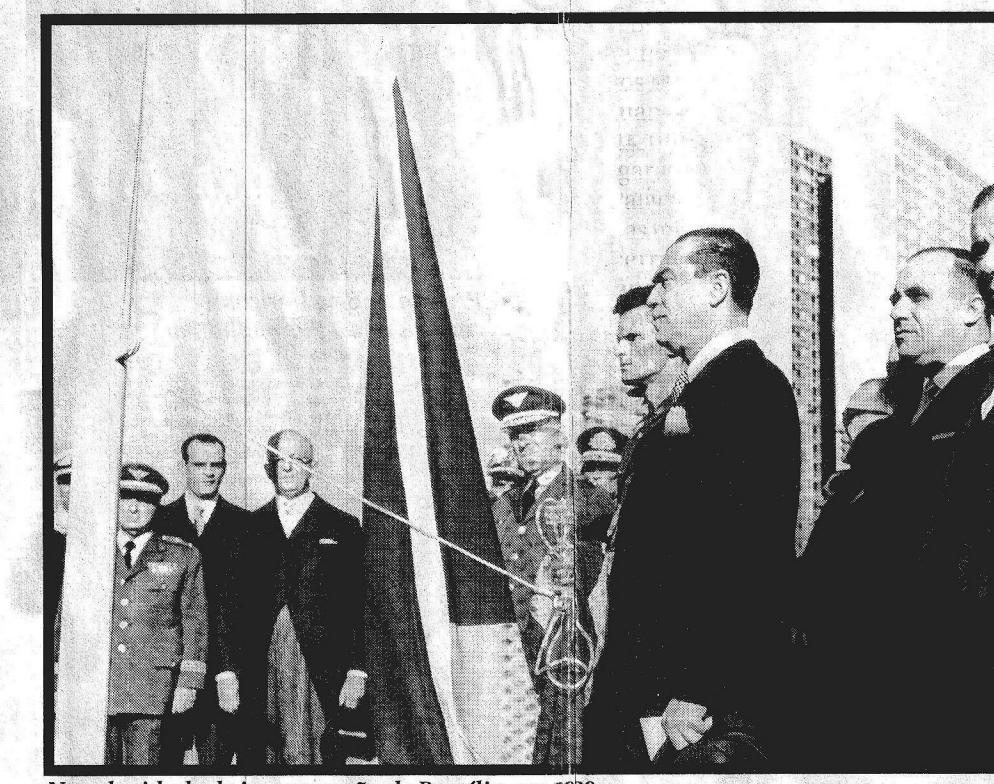
Em Brasília, diante do monte de terra tirado para fazer o cruzamento dos eixos monumental e rodoviário, onde hoje é a rodoviária

"Brasília estava lançada. Era uma idéia em marcha. Para mim, nenhuma força seria capaz de detê-la"

"Eis o produto de nossas angústias, de nossos riscos e do suor de nossas lidas, eis a cidade que o extraordinário Lucio Costa disse já nascer adulta"



Em 1956, com Oscar Niemeyer



Na solenidade de inauguração de Brasília, em 1960



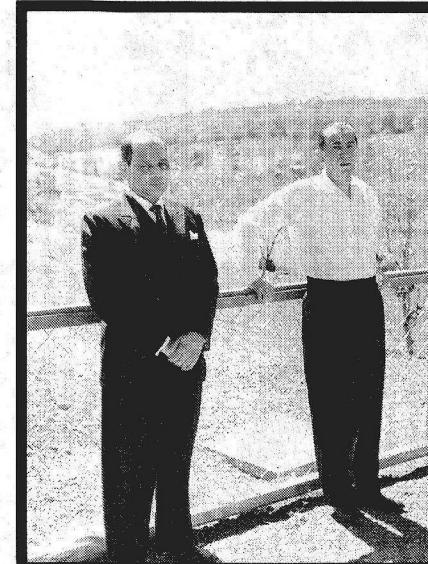
Uma festa popular: a nova capital do Brasil é inaugurada



Abrindo a caravana da integração, numa Romi-Isetta, em 1960



Cimentando a pedra fundamental, em 1957



Em Luziânia, com o motorista Geraldo, que morreria com ele

pela escuridão da noite na boléia de um caminhão. Podia ser mais um migrante anônimo, mas era Juscelino Kubitschek, o criador da nova capital.

Corria o ano de 1971, e desde o fatídico 1964 o nome daquele clandestino tinha sido cassado dos aniversários de Brasília.

O tal homem procurava uma fazenda para comprar em Luziânia, na verdade um encoradouro para que pudesse ter um pé na capital, fosse como fosse. "Ele nunca tinha sido fazendeiro, inventou essa história de fazedo só pra ficar perto de Brasília", conta Vera Brant, a amiga das muitas horas de dificuldades.

Expurgado da vida política, o apressado presidente dos '50 anos em 5' tinha de se dobrar a uma rotina modorrenta — se comparada ao frenético co-

tidiano da construção de Brasília — à qual incluíam visitas frequentes a Luziânia e a Brasília. Começou a plantar café no cerrado e foi um dos primeiros a provar que o solo aparentemente estéril podia ser corriginho.

Chovia naquela noite em que o criador visitou a criatura. "Como sempre os pingos d'água pareciam laranjas, atingindo a gente sem dó", descreveu Juscelino ao jornalista Carlos Chagas num histórico artigo publicado no *Estado de São Paulo* dias depois da visita.

O amigo ao volante parou o caminhão no Catetinho. JK rodeou o Palácio de Tábuas e continuou o passeio em direção à capital construída em três anos e dez meses.

No primeiro bambolê adiante, o caminhão parou novamente. Ante a vista das luzes da cidade, o criador sentiu-se

"como um súdito romano das Gálias que pela primeira vez visita Roma" — como disse a Carlos Chagas. Visitou, pela primeira vez, a Catedral já concluída, seguiu para a Praça dos Três Poderes e, a cem metros do palácio à época ocupado pelo presidente Garrastazu Médici, deteve-se diante da própria efígie e "recitou de cor as frases dispostas na parede", escreveu Chagas. Foi quando JK chorou.

O anônimo e insuspeito caminhão pegou o caminho de volta a Luziânia, atravessou a W-3 Sul e levou o criador para longe. "Tenho enfrentado dissabores e sofrimentos, mas ao deixar a capital que não pisava há tanto tempo, cercou-me um sentimento de paz e tranquilidade", disse o ex-presidente a Carlos Chagas.

Aquela calmaria era prenúncio de tristeza. Depois da visita, "ele ficou numas melancólia tão violenta que davava valo, pescaria, pedalinho, caminhadas vontade de chorar quando a gente o trouxe no bosque. 'Nunca vi alguém viver via', conta Vera Brant. Quando um se sente com tanta intensidade e vibração", diz resterio fica triste, os amigos providenciam Vera Brant. "Quatro horas de sono eram próximos, caprichou no uísque e o Dr. Carlos Murilo.

Quando começou a construir Brasília até as 5 da manhã. "Brasília era sua, JK tinha 54 anos, idade que ainda sua, quem achasse ruim que comesse", escreveu Vera Brant, no auto-

carro, e as madrugadas percorrendo obras no cerrado a 1,5 mil quilômetros de distância. No percurso entre Rio e Brasília, o presidente dormia. Na volta, tomava banho, fazia a barba, trocava de roupa a bons metros de altitude, e se preparava para a rotina convencional de um presidente.

Numa dessas vindas a Brasília, madrugada de chuva, o criador e comitiva rasgavam o cerrado para acompanhar a construção do Palácio da Alvorada. Nessa época, o período de chuvas durava metade do ano e aquela era mais uma noite de tormentas. Vestido de capa e bota de borracha, Juscelino desceu da Rural Willis, acompanhado de Israel Pinheiro e de alguns engenheiros, e aproximou-se de um operário que batia um martelo.

"Vai ou não vai?", indagou o fundador. Vestido numa frágil capa de chuva, o cidadão esfregou os olhos com as mãos, arqueou as sobrancelhas e só então reconheceu naquele perguntador notívago o presidente da República. "Vai", respondeu. E aquele cena passou a ser exemplo do "espírito de Brasília", contada e recontada nesses últimos 41 anos. O próprio Juscelino gasta página e meia de seu livro *Por que*

construi Brasília no relato do episódio. Como todo amante, JK exagerava as virtudes da amada. Como no dia em que, já casado, foi jantar com Vera Brant no Xadrezinho, no Lago Sul. Antes de entrar no restaurante, conta a empresária, o fundador ficou a admirar as luzes lá longe. Eram meados da década de 70, o Lago Sul ainda pouco iluminado, poucas casas, mas Juscelino extasiou-se: "Veja que beleza, quantia luz!" Vera, de humor reconhecidamente ácido, saiu-se com essa: "Também não exagera, meu filho. Aquel pinguinho de luz ali? Quer gostar, tudo bem. Mas sem exageros". JK deu-se conta do ridículo e soltou uma de suas boas gargalhadas.

Não era a primeira vez que o Lago Paranoá ouvia o gargalhar do fundador. No tempo em que morou no Palácio da Alvorada, entre abril de 1960 e janeiro de 1961, Juscelino soube agradecer as águas mansas do lago em longos passeios de Gilda, o barco da Presidência da República que foi devidamente transportado da antigua para a nova capital. "Era um miniatu", conta Carlos Murilo, que usufruiu desses convites sempre noturnos. Um desses encontros sobre as águas é especialmente lembrado: Elizeth Cardoso, na voz, e Dilermando Reis, no violão, exibiram-se para o presidente e um grupo de amigos.

Dois anos de exílio já haviam se passado, quando o criador manda uma carta ao amigo César Prates, um dos que fizeram a idéia de construir o Catetinho. A correspondência vinha de Nova York e era datada de 6 de abril de 1966. Nela, o remetente percorre os caminhos da nostalgia e escreve: "O céu azul que se arqueia sobre o Catetinho é uma das luas mais belas que recebi sobre minha cabeça. De dia o azul profundo, de noite as estrelas a piscar sem pausa".

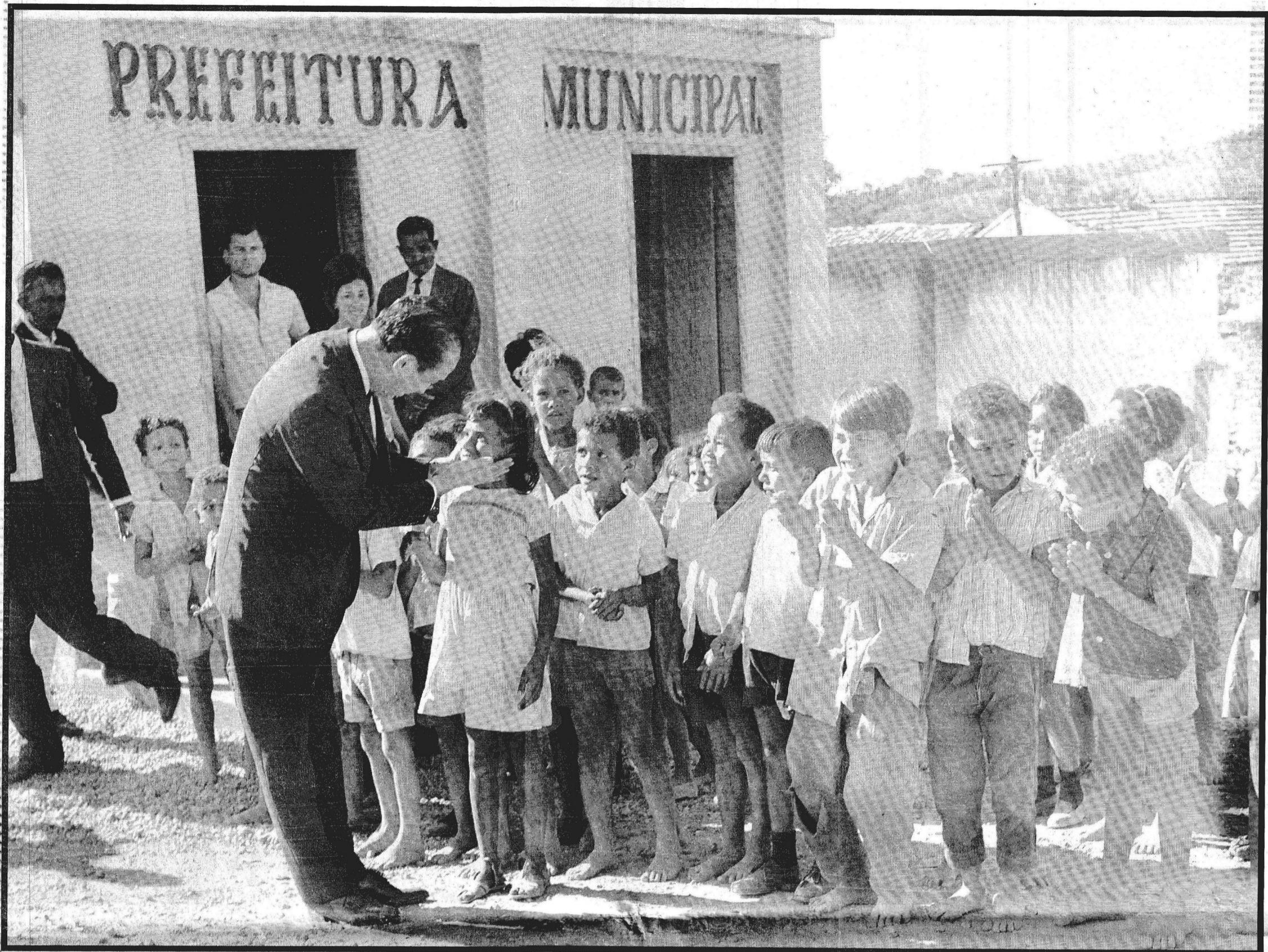
Quando deixou Nova York e pegou o voo de volta do exílio, lá de cima o criador viu a criatura e a descreveu como: "Uma imensa flor surgindo na solidão do Planalto". E foi então que ele quis abraçá-la. "Brevemente o farei", escreveu Juscelino Kubitschek. O fez por muitas vezes entre a volta do exílio, em 1968, e sua morte. Mas, em 22 de agosto de 1976, quando o abraço foram as mãos de 80 mil pessoas que saíram às ruas de Brasília para cantar o *Peixe-Vivo* e acompanhar o corpo do criador a pé, o Aeroporto à Catedral e da Catedral ao Campo da Esperança.

## DE COMO O CRIADOR AMOU A CRIATURA

Conceição Freitas  
Da equipe do Correio

O homem usava óculos, chapéu de palha, e entrava em Brasília protegido

# O fundador



Na cidade de Presidente Juscelino, em 1967



Com o clube da esquina: Milton, Lô Borges e outros



Em 1952, em Diamantina, MG, a terra natal



Dançarino de grande fama

“Belo Horizonte (era) a miragem a entremostrar-se no meu deserto. Era a cidade dos meus sonhos”

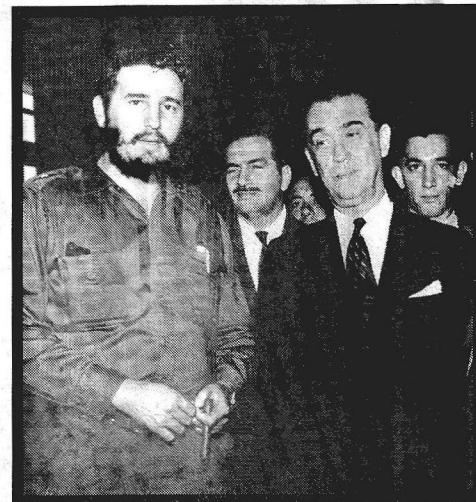


Seresta em Viçosa, MG

# O fundador



Comício, em Minas, ao lado de Getúlio Vargas



Em 1959, com Fidel Castro



Com John Kennedy



Ao lado de Assis Chateaubriand, na inauguração da TV Itacolomi, em 1955



O presidente brasileiro em visita a Lisboa



Proteção para a chuva

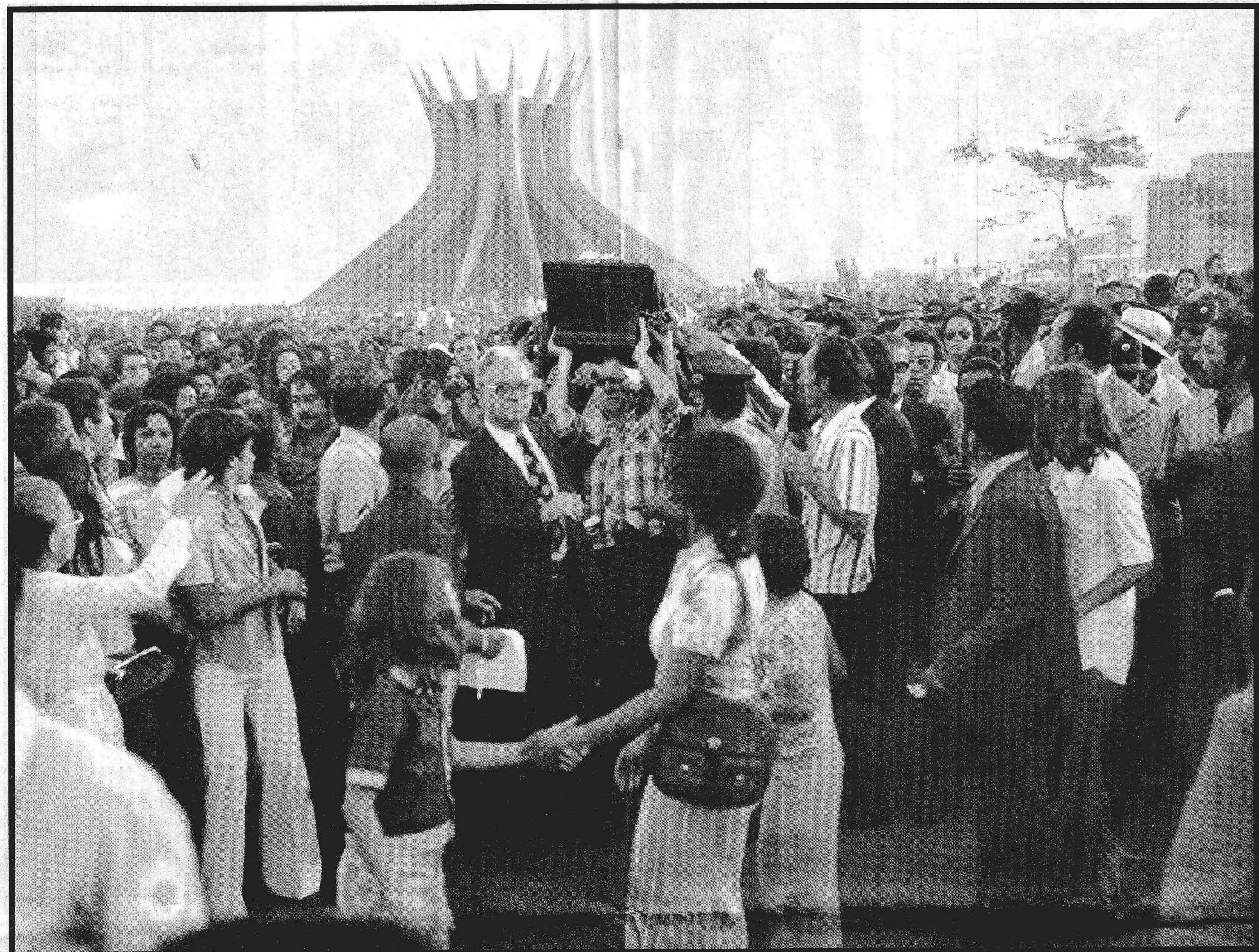


Durante o exílio, na França



Senador, em reunião para a eleição de Castelo Branco

# O fundador



A maior manifestação popular de Brasília: o enterro do fundador

## CRONOLOGIA

**1830**

Chega ao Arraial do Tijuco (hoje Diamantina, Minas Gerais) o marceneiro Jan Nepomusky Kubitschek, tio-avô de Juscelino, que vinha da Boêmia, parte do Império Austro-Húngaro

**1902**

**12 de setembro** — Nasce Juscelino, filho de João César de Oliveira e Júlia Kubitschek, em Diamantina

**1905**

Morre o pai de Juscelino

**1914**

Estudos no seminário dos padres lazaristas, em Diamantina

**1919**

É aprovado em concurso para telegrafista dos Correios de Belo Horizonte

**1922**

Entra na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte

**1927**

Forma-se médico

**1928**

Monta uma clínica particular na Rua da Bahia, em Belo Horizonte

**1930**

Curso de urologia em Paris e estágio em Berlim

**1931**

Passa a oficial médico da Força Pública de Minas Gerais e casa-se com Sarah Luiza Gomes de Lemos

**1932**

Participa da Revolução Constitucionalista como capitão-médico da Força Pública

**1933**

Nomeado secretário de governo de Benedito Valadares, governador de Minas

**1934**

Eleito deputado federal constituinte pelo Partido Progressista

**1937**

Com o Estado Novo, volta a exercer a medicina

**1938**

Promovido a tenente-coronel

**1940**

Nomeado prefeito de Belo Horizonte, pelo governador Benedito Valadares

**1945**

Eleito deputado federal constituinte

**1950**

Eleito governador de Minas Gerais

**1955**

**4 de abril** — Começa a campanha presidencial, pela coligação PSD-PTB, em Jataí, Goiás, onde promete construir Brasília.

**1956**

**31 de janeiro** — Toma posse na presidência da República

**2 de outubro** — Visita pela primeira vez o cerrado onde Brasília será construída

**10 de novembro** — Inaugura o Catetinho, primeira obra de Brasília

**1960**

**21 de abril** — Inauguração de Brasília

**1961**

**31 de janeiro** — Entrega o cargo de presidente da República a seu sucessor, Jânio Quadros

**4 de junho** — Eleito senador por Goiás

**25 de agosto** — Renúncia de Jânio Quadros

**1964**

**21 de março** — Homologada sua nova candidatura à Presidência da República pelo PSD

**3 de junho** — Em pronunciamento no Senado, protesta contra a possibilidade de cassação de seu mandato

**8 de junho** — Juscelino é cassado e exila-se no exterior.

**14 de junho** — Parte para o exílio, que começou em Madri e passou por Paris, Nova York e Lisboa

**1967**

**9 de abril** — Volta definitivamente ao Brasil

**1968**

Funda a Frente Amplia de oposição, com Carlos Lacerda e João Goulart, e assume a presidência do banco Denasa

**1974**

Eleito para a Academia Mineira de Letras

**1975**

Derrotado pelo escritor goiano Bernardo Elias para a Academia Brasileira de Letras

**1976**

**22 de agosto** — Morre em acidente de carro no quilômetro 165 da Via Dutra, quando ia de São Paulo para o Rio de Janeiro

“Mais uma vez agradeço a Deus ter-me poupado ao sentimento do ódio. Não o tive como presidente. Não o tenho agora. Morrerei sem ele”